



Cartografias da paragem¹

Cartography of the stop

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. (org). *Cartografias da paragem: desmobilizações jovens contemporâneas e o redesenho das formas de vida*. Rio de Janeiro: Gramma, 2016.

Mário Jorge de Paiva²

1. Resenha

O livro *Cartografia da paragem* é uma obra baseada em dois trabalhos sobre a juventude, gestados no *Centro de estudos sociais aplicados da Universidade Cândido Mendes* (Cesap/Ucam). O livro para além de uma apresentação, a qual se foca mais em apontar uma tradição de estudos do Cesap e no agradecimento aos colaboradores, se divide em uma *Introdução* e quatro artigos.

A *Introdução*, que possui como subtítulo *Das solidões deliberadas às desmobilizações táticas – rastreamento descritivo de um processo de pesquisa*, deseja mostrar que o livro apresenta um mapeamento dinâmico de um fenómeno transversal de *paragem* (ALMEIDA; EUGÊNIO; BISPO, 2016, p. 11).

A etnografia, por causa inclusive de seu aporte, não parece ser apresentada de forma exata. Os próprios autores tratam como não se buscou pré-delimitação dos grupos (ALMEIDA; EUGÊNIO; BISPO, 2016, p. 13). Em escolhas metodológicas heterodoxas para nós, que passamos anos trabalhando com pesquisa quantitativa, relevância estatística da amostra etc.

A pesquisa entrevistou 20 entes entre 20 e 35 anos, majoritariamente cariocas, além de acompanhar suas redes sociais. Jovens esses que, de algum modo, estão tentando realizar o *desaceleramento* (ALMEIDA; EUGÊNIO; BISPO, 2016, p. 14).

É interessante falar da quantidade de conceitos empregados na *Introdução*, sendo que muitos deles não são bem explicados. O que dá ao texto certo nível de hermetismo, que aparece em outros momentos do livro

¹ Este trabalho é dedicado à memória de Maria Isabel Mendes de Almeida.

² Doutor, mestre, licenciado e bacharel em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: mariojpaiva91@gmail.com. ORCID: 0000-0001-7158-4371.



também. Exemplifiquemos: em certa parte se fala da *dimensão modal do acontecimento sempre singular*, para na sequência tratar do *aceleracionismo pós-moderno* (ALMEIDA; EUGÊNIO; BISPO, 2016, p. 16-7); em outro ponto se fala da estratégia mimética do capitalismo (ALMEIDA; EUGÊNIO; BISPO, 2016, p. 19). Mas não houve uma definição clara do que é o aceleracionismo pós-moderno para os autores. Do mesmo modo, foram muitos que empregaram a ideia de mimetismo, indo de René Girard até Richard Dawkins (2007), logo são necessárias maiores explicações, sobre o que se está tratando. E o que é o *acontecimento sempre singular*? O aporte aqui é a soma de Slavoj Žižek (2017) e Alain Badiou?

O capítulo 1, *Horizontes da finitude – desmobilização e atualizações da resistência nas juventudes contemporâneas*, é visto como uma espécie de ensaio, que pretende, de maneira ampla tratar da desmobilização nas ações dos jovens de hoje (ALMEIDA; EUGÊNIO; BISPO, 2016, p. 19).

As autoras apontam uma hegemonização dos valores capitalistas, em um espalhamento total por todo o planeta (ALMEIDA; EUGÊNIO, 2016, p. 26). E como, desse cenário, vão surgindo formas de resistência, de menos, de confrontação, pois o ápice de controle pode ser o ápice de algum esgotamento, em formas de se preferir não fazer algo, o que é diferente de uma pura impotência ou de, um puro niilismo.

As autoras falam de um *esgotamento generalizado*, comum a diferentes modos de vida (ALMEIDA; EUGÊNIO, 2016, p. 33). Havendo uma marcha de resistência e exaustão, ao que está aí (ALMEIDA; EUGÊNIO, 2016, p. 34). Em processos de subjetivação, que se fazem nas brechas (ALMEIDA; EUGÊNIO, 2016, p. 43).

O capítulo 2, *Tomar distância – reinvenções do êxodo, composições situadas e resiliências*, retoma à crítica ao capitalismo, à cinética moderna etc., para na sequência tratar de algumas experiências de se abandonar o site Facebook.

A autora fala do *tormento do Facebook*. Usando, por exemplo, as falas do *blogueiro* Renato Essenfelder (ALMEIDA, 2016, p. 65). Também trata como retiros, de certos períodos em silêncio, ganham força no Brasil e em países europeus (ALMEIDA, 2016, p. 66). Um dos jovens entrevistados aponta para uma não finalidade de tal retiro, em seu sentido produtivo, houve um feixe de questões, em que ele precisava dar *uma parada* (ALMEIDA, 2016, p. 67). A autora fala da angústia e pressão, que afeta muitos jovens diante do mercado de trabalho (ALMEIDA, 2016, p. 69).

Dando Almeida mais exemplos de como se está formando um clamor por uma vida mais *off-line*, como em certas promoções de zonas sem *wi-fi*, em várias partes das cidades europeias, contra a asfixia do trabalho ininterrupto (ALMEIDA, 2016, p. 71).

O capítulo 3, *Nas malhas da solidão-ação – vivências jovens da solitude*, aborda, mais especificamente, uma questão da solidão na juventude. Vendo a



solidão como um importante modo de paragem e distanciamento. Fala o autor em uma *nuvem difusa de experiências*, em que se atenta ao caráter ativo da solidão, por isso se fala de *solidão-ação* (BISPO, 2016, p. 87).

Se define o capítulo menos como algo conclusivo e mais como uma experimentação. Chegando o autor até a colocar em questão se existe alguma conclusão no texto. Fala, também, que se tentou armar um campo de investigação (BISPO, 2016, p. 89). Logo, mais uma vez, vemos como, em termos de metodologia, o texto trabalha de modo pouco sistemático.

O texto se inicia com uma discussão, sobre como certo aporte teórico tratou do tema da solidão nas Ciências Sociais (BISPO, 2016, p. 89). Fala-se nos juízos positivos ou negativos do tema, havendo autores que tomam o caráter da solidão como algo simplesmente negativo. Em análises que são pertinentes e relevantes, mas apontam para uma faceta limitada dessa experiência (BISPO, 2016, p. 90-1).

Seguindo certos trabalhos de Isis Ribeiro Martins, o autor sublinha como mulheres de camadas médias, da sociedade carioca, conferem significados às experiências de morarem sós. Há uma diferenciação entre o estar só e o se sentir só. É uma escolha, em uma construção de um espaço de privacidade (BISPO, 2016, p. 93-4).

O autor não quer trabalhar de modo dualista, não quer responder se a solidão é boa ou ruim, mas imaginar um *continuum* entre a solidão acontecida e a solidão deliberada (BISPO, 2016, p. 96).

Depois de uma análise teórica, o artigo passa ao campo estudado. Trata como se conheceu, ao longo da pesquisa, vários jovens adeptos do Vipassana, uma prática de meditação, que envolve os retiros de silêncio, muitos de 10 dias de duração; o pesquisador muito ouviu sobre a busca por si e certas ansiedades. Não existindo um projeto de vida específico. São vagas e difusas vontades, com suas próprias contradições e com visões instáveis e desregradas dessas práticas (BISPO, 2016, p. 96-7). Logo essas experiências, de solidão, os fazem permitir arriscar improvisos, em uma potência de ir se criando no meio do percurso, falando o autor na teoria *radicante* de Nicolas Bourriaud (BISPO, 2016, p. 100).

É abordado também, na pesquisa, os altos e baixos emocionais, que esse tipo de experiência pode acarretar. E como em certos momentos esses jovens não conseguem *resistir*, acessando o celular, mesmo que isto seja proibido no retiro. Mas isso não é tratado pelo autor como uma derrota, mas parte de um processo.

O capítulo 4, o último texto, se chama *Erótica das distâncias – por uma ética do bem viver junto*. E versa, grosso modo, como há a necessidade de uma solidão, mesmo dentro de relacionamentos.

Os autores começam recorrendo ao conceito de *idiorritmia*, *ídiós* (próprio) e *rhythmós* (ritmo) usada por Roland Barthes, em que se está imaginando um mundo onde os sujeitos conseguiriam conciliar a vida em



comunidade com a adoção concomitante de um ritmo próprio. Mas como os autores bem explicitam, o próprio Barthes não acreditava em tal conceituação, sendo visto como um ideal ético (BISPO; ZAMPIROLI, 2016, p.111-2).

Na sequência se explora mais alguns resultados da pesquisa, fruto dessas conversas com jovens sobre amor e amizade (BISPO; ZAMPIROLI, 2016, p.113). Ainda seguindo Barthes, tratam de uma erótica das distâncias, uma distância que seja capaz de fazer os sujeitos capazes de manter uma libido, tornando essa relação harmoniosa (BISPO; ZAMPIROLI, 2016, p.115).

Por isso, eles observam como dentro de relacionamentos, de amizade ou de sexo, há necessidade de espaços para esses jovens. O ritmo frenético das *nights* cariocas já não agrada todos os jovens, que podem ter tido suas fases de noitadas, contudo isto parece já ter passado. Também se comenta de casais envolvidos em relações de poliamor, porque a possibilidade de mais de um parceiro pode combater certos preceitos hostis à *idiorritmia*, afinal um casal pode promover disritmias. Casais, grupos, famílias etc. podem ser vistos como forças de *heterorritmia*.

Há então no artigo uma discussão mais focada na internet. Internet gera afastamento ou aproximação entre as pessoas? (BISPO; ZAMPIROLI, 2016, p.135). E eles tratam de um possível ganho extra de sociabilidade, que não envolve redução ou aniquilamento pelo excesso, pois as pessoas não são tanto acachapadas por múltiplas conexões, podendo fazer um uso tátil, incorporando o relacionamento de acordo com suas vontades (BISPO; ZAMPIROLI, 2016, p.141).

Em resumo: o livro é bastante interessante, com temas muito pertinentes e atuais, que orbitam o universo da juventude e dessa busca por uma desaceleração, de diferentes modos. Mas, em certos pontos, há problemas relacionados ao seu caráter experimental, de uma *espécie de ensaio*, como os autores colocam. É bastante conceitual, em que a discussão muitas vezes termina se apresentando mais como uma análise teórica do que uma apresentação empírica, e linear, das pesquisas realizadas.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. Tomar distância – reinvenções do êxodo, composições situadas e resiliências. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. (org). **Cartografias da paragem**: desmobilizações jovens contemporâneas e o redesenho das formas de vida. Rio de Janeiro: Gramma, 2016.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGÊNIO, Fernanda. Horizontes da finitude – desmobilização e atualizações da resistência nas juventudes contemporâneas. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. (org). **Cartografias da paragem**: desmobilizações jovens contemporâneas e o redesenho das



formas de vida. Rio de Janeiro: Gramma, 2016.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGÊNIO, Fernanda; BISPO, Rafael. Introdução: das solidões deliberadas às desmobilizações táticas – rastreamento descritivo de um processo de pesquisa. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. (org). **Cartografias da paragem**: desmobilizações jovens contemporâneas e o redesenho das formas de vida. Rio de Janeiro: Gramma, 2016.

BISPO, Rafael. Nas malhas da solidão-ação – vivências jovens da solitude. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. (org). **Cartografias da paragem**: desmobilizações jovens contemporâneas e o redesenho das formas de vida. Rio de Janeiro: Gramma, 2016.

BISPO, Rafael; ZAMPIROLI, Oswaldo. Erótica das distâncias – por uma ética do bem viver junto. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. (org). **Cartografias da paragem**: desmobilizações jovens contemporâneas e o redesenho das formas de vida. Rio de Janeiro: Gramma, 2016.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2007.

ŽIŽEK, Slavoj. **Acontecimento**: uma viagem filosófica através de um conceito. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

Como citar esta resenha:

PAIVA, Mário Jorge de. Cartografia da paragem. **Áskesis**, São Carlos - SP, v. 10, n. 1, p. 202-206, jan./jun. 2021.

ISSN: 2238-3069

DOI: <https://doi.org/10.46269/10121.502>

Data de submissão do artigo: 26/06/2020

Data da decisão editorial: 28/01/2022